

Ações educomunicativas em escolas de Mato Grosso¹

Maria Selma Alves²

Benedito Diélcio Moreira³

Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

Resumo

O presente artigo tem por objetivo evidenciar as ações educomunicativas realizadas em escolas de Mato Grosso, tanto de áreas rurais quanto de áreas urbanas. A pesquisa partiu do entendimento que a Educomunicação, compreendida pelas inter-relações entre comunicação e educação, objetiva ações que possibilitem uma formação crítica da produção, recepção e da gestão de processos comunicacionais. Desta forma, potencializaria o diálogo pedagógico com as mídias e a construção de ecossistemas comunicacionais, refletindo, também, no relacionamento entre professores e os alunos, equipe gestora e funcionários da escola. A escolha destas quatro escolas públicas se deve à presença de alguns pontos comuns, apesar das localizações distintas e diferentes possibilidades de acesso às tecnologias digitais.

Palavras-Chave: educomunicação; educação; comunicação; tecnologia

Introdução

A relação entre a prática educativa e os desafios propostos pela comunicação social ao cotidiano das pessoas fez com que se olhasse a comunicação e suas tecnologias a partir dos referenciais da educação (PRETTO, 2013). No entanto, a certeza de que a busca por novos caminhos nas relações entre os processos comunicativos e a prática educativa vai além da posse ou uso das novas ferramentas, leva à compreensão do contexto civilizatório propiciado ou constituído pela sociedade midiática.

Deste modo, a inter-relação comunicação/educação ganhou relevância. Assuntos como tecnologias de linguagem, transformações cognitivas e os desafios para educação estão na ordem do dia. Viana e Mello (2013) observam, inclusive, que a busca por um

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, e-mail: selmalves2002@bol.com.br.

³ Coautor e orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, e-mail: dielcio@hotmail.com.

novo modelo educacional que atenda às demandas da sociedade e que considere esse novo perfil de alunos tem gerado muitas pesquisas. É um novo paradigma que desponta, segundo os autores, “como uma proposta promissora e consistente e que já tem sido adotado como política pública em alguns momentos é o que discorre sobre as interfaces Comunicação e Educação a partir do campo emergente da Educomunicação” (VIANA, MELLO, 2013, p. 4).

Neste sentido, a Educomunicação, compreendida pelas inter-relações entre comunicação e educação, objetiva ações que possibilitem uma formação crítica da produção, recepção e da gestão de processos comunicacionais, potencializando, assim, o diálogo pedagógico com as mídias e a construção de ecossistemas comunicacionais.

Soares (2002) pensa a educomunicação como um conjunto de ações cuja finalidade é integrar às práticas educativas os processos comunicativos democráticos, abertos e participativos e, assim, criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos.

Souza (2013) acredita que para a escola, além de educar para as mídias e com as mídias, é importante a construção de uma Prática Pedagógica Educomunicativa (PPE). Em outras palavras, uma prática que amplie as possibilidades comunicativas estabelecidas entre os sujeitos que participam do processo educativo, como professores, gestores, crianças, família e sociedade, e que possibilite uma relação mais ativa e criativa desses sujeitos diante das referências midiáticas que fazem parte de seu contexto de vida.

Desta forma, nas práticas educomunicativas devem ser priorizadas as relações entre educadores e educandos, a “convivência saudável”, além do acesso adequado às tecnologias da informação e comunicação, ações inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas, a fim de que professores, estudantes e demais membros da comunidade escolar possam efetivamente compreendê-las. Por isso, as ações que vão sendo planejadas e revistas envolvem todo o cotidiano escolar.

Educomunicação nas escolas

Com o objetivo de tentar compreender a relação dos professores com as tecnologias digitais na educação escolar, desde 2015 acompanho de perto a atuação de professores e alunos do curso de Comunicação Social no projeto “Educomunicação, ciência e outros saberes: um estudo do trabalho colaborativo e compartilhável em

narrativas transmídias” (MOREIRA, 2017), uma proposta de intervenção e pesquisa elaborada por membros do Núcleo de Estudos Comunicação, Infância e Juventude, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), cuja temática de estudo é a inserção do jovem em diferentes contextos midiáticos.

De posse das informações e das análises dos trabalhos científicos decorrentes do projeto Educomunicação, optei por pesquisar duas escolas estaduais urbanas e duas rurais. E, para desenvolvimento do projeto de pesquisa e estudo de caso, foram selecionadas duas escolas estaduais rurais, em Santo Antônio de Leverger e em Jangada, municípios localizados a 120 e 100 quilômetros de Cuiabá, e outras duas escolas estaduais urbanas de ensino integral, localizadas na Capital. Para identificação neste estudo, as escolas foram denominadas de A e B, as do meio rural, e de C e D, as do meio urbano.

A escola A está localizada na região do Pantanal mato-grossense, onde a economia se baseia na agricultura e pecuária de subsistência, e é povoada por um pequeno número de famílias. É um exemplo claro da essencialidade de aplicação do trabalho colaborativo entre toda a comunidade escolar.

A escola conta com 25 professores efetivos e temporários, sendo 18 professores na sede da unidade e sete nas salas anexas. O projeto de Educomunicação desenvolvido na escola A teve a participação de aproximadamente 50 alunos do 9º ano do Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Em um ambiente propício para o desenvolvimento de atividades coletivas, visto que alunos e professores têm um contato próximo, a presença do celular no cotidiano dos alunos, apesar de frequente, era restrita a um grupo de alunos, e, ainda sim, em sua maioria, os aparelhos utilizados por eles não dispunham de memória para o desenvolvimento das atividades. Daí, a importância do trabalho colaborativo.

Localizada próxima à Serra das Araras, a escola B foi fundada em 1985 e reúne alunos de 12 comunidades rurais. Além das riquezas ambientais, os moradores das comunidades da região mantêm suas lendas, sua forte religiosidade e orgulho de sua cultura.

Com duas salas anexas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Médio, fora da sede, a escola B conta com 178 alunos do Ensino Fundamental (7º, 8º e 9º ano) e do Ensino Médio, e 14 professores efetivos e temporários, oito dos quais na sede da escola. O projeto-piloto do Educomunicação contou com a participação de 100 alunos, distribuídos entre o 9º ano do Ensino Fundamental, 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio.

Localizada na região do Porto de Cuiabá, a escola C está entre as 14 unidades da rede estadual de ensino de Mato Grosso que participam do programa Escola Plena, implantado em escolas públicas do país, em 2007. São atendidos 132 alunos em tempo integral, oriundos da região periférica. A escola conta com 12 professores efetivos e temporários. Com carga horária diferenciada, a educação integral tem sete horas de aula por dia. Em um período, os alunos desenvolvem disciplinas regulares e, no outro, disciplinas extracurriculares. Os alunos recebem três alimentações diárias (café da manhã, almoço e lanche).

Criada em 1981 e instalada na região central da Capital mato-grossense, a escola D também participa do programa Escola Plena. Conta com dez professores efetivos e temporários e atende 80 alunos do Ensino Médio. Devido à localização privilegiada, recebe alunos de diferentes classes sociais.

A escolha destas quatro escolas públicas se deve à presença de alguns pontos comuns, apesar das localizações distintas e diferentes possibilidades de acesso às tecnologias digitais. As duas escolas do campo estão a mais de 100 km de distância da Capital e enfrentam dificuldades de acesso à internet; os laboratórios são precários, insuficientes para atender alunos e professores, mas os alunos possuem aparelhos celulares e encontram, fora da escola, meios de acessar e participar de suas redes sociais preferidas. Já as duas escolas urbanas têm suas localizações privilegiadas, laboratórios melhor equipados do que as rurais, mas igualmente deficitários no que diz respeito ao atendimento aos alunos e professores. Com acesso limitado e precário a rede de internet da escola, os alunos utilizam seus próprios recursos para se conectarem e participarem do universo virtual. Apesar disso, as quatro escolas participaram ativamente de todas as atividades previstas no projeto de Educomunicação coordenado pela UFMT: oficinas, aulas de campo e eventos de educomunicação, com a participação da comunidade escolar.

Desta forma, a primeira fase da coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas individuais (semiestruturada) com roteiro previamente definido. Durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2016, foram feitas 22 entrevistas individuais gravadas, sendo 11 professores de Cuiabá e 11 professores de escolas estaduais dos municípios de Santo Antônio de Leverger e Jangada. Durante a análise das entrevistas, optei por identificar cada professor por meio de números. Assim como os nomes das escolas estão preservados, identificadas por uma letra, os professores estão identificados por números.

O professor e a Educomunicação

Os professores entrevistados nas escolas rurais e urbanas são unânimes quanto ao papel do projeto de Educomunicação no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, eles reconhecem a importância do envolvimento dos professores, alunos e gestão para a efetividade do projeto. Os professores da escola A, por exemplo, fazem algumas considerações com relação à participação dos próprios professores e dos alunos no projeto.

Olha, primeiro penso que nos sentimos um pouco isolados. Então, seria bom também vê, verificar, trocar experiências com outras escolas que também usam esse programa. [...] As experiências que já estão dando certo, o trabalho que está sendo feito (PROFESSOR 1 – Escola A).

Os professores da escola B foram enfáticos quanto aos aspectos positivos do desenvolvimento do projeto de Educomunicação naquela unidade escolar, inclusive na interação com os alunos e no aprendizado dos alunos. Apesar das dificuldades de acesso à internet, conseguiram ultrapassar as barreiras e tirar proveito das oficinas oferecidas aos alunos e professores da escola.

Olha, antes de chegar Educomunicação na escola nós tínhamos...os alunos vinham com o celular para a escola e eles ouviam o que? Músicas indecentes, vídeos indecentes e quando veio esse projeto da Educomunicação pra escola, até em questão do celular na escola mudou muito, porque, porque, hoje, eles trazem o celular para a escola, mas de uma forma diferente, não para ouvir uma música indecente ou ver um vídeo indecente, mas sim para aproveitar de uma outra forma, tirando foto, gravando vídeo, uma forma de aprendizagem mais pra eles (PROFESSOR 6 – Escola B).

Na escola C, além dos pontos positivos, também foram feitas críticas com relação a não inclusão de todos os professores e alunos na execução do projeto de Educomunicação, dentre os seis professores entrevistados. Como se observa na fala do professor 2:

Seria útil se os professores realmente tivessem participando do projeto, porque ficou um número restrito de professores também. Assim como os alunos não são todos contemplados, os professores também não são. Então, fica até difícil falar do projeto que eu não conheço. Mas acredito que se fosse abrangente seria muito útil com certeza (PROFESSOR 2 – Escola C).

Na escola D, o projeto de Educomunicação foi visto como um parceiro para os professores, com resultados na criatividade e na escrita dos alunos, e na formação da comunidade escolar. As falas dos entrevistados deixam claro os aspectos positivos tanto para professores como para os alunos, com reflexos na aprendizagem.

Na verdade, ele foi meu parceiro porque eu também tenho um projeto de jornal na escola. No início do ano, por ser uma escola de período integral, em tempo integral, a gente tinha que fazer vários projetos e um dos projetos da área de linguagem era o jornal. Então, só veio casar com a gente, né. Eu trabalhando gêneros teóricos e eles vindo com as oficinas, ensinando as dinâmicas do processo em si, a prática, de como fazer um vídeo, de como tirar uma foto, de como editar essa foto. Então, ele só veio para ajudar mesmo (PROFESSOR 8 – Escola D).

Então, o Educomunicação, na parte que eu entendo, envolve toda a questão escolar, toda a comunidade, grêmios estudantis, rádio na escola. Envolve projeto de vida junto com ele, na perspectiva de desenvolver com o aluno a flexibilidade de conversação através das redes sociais, através do *whatsapp*, através do próprio *e-mail* (PROFESSOR 11 – Escola D).

Mudança na autoestima da comunidade escolar

Em um campo relativamente novo e que defende a criação de ecossistemas comunicativos para a promoção de uma aprendizagem mais crítica, cidadã e participativa, o diálogo é essencial na Educomunicação. Neste sentido, acreditamos que a técnica de grupo focal possibilita o diálogo e esclarecimento de aspectos observados nas entrevistas exploratórias e questionários aplicados com os professores e alunos.

Diante da grande rotatividade de professores nas escolas A, C e D, o grupo focal foi realizado somente na escola B, no mês de maio de 2018. O encontro ocorreu no laboratório de informática, transformado em sala dos professores devido ao aumento no número de alunos, e reuniu seis participantes, incluindo professores, educadores e coordenação pedagógica. Todo o encontro foi gravado. Os participantes do grupo focal foram identificados pelos números de 1 a 6, tendo o formato dos depoimentos aqui transcritos adotados essas referências.

Mesmo com o término do projeto de Educomunicação, executado durante dois anos por professores e alunos da UFMT, a escola B manteve as ações do projeto em 2017 e em 2018. A expectativa dos seis participantes do grupo focal é de que a Secretaria de

Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc/MT) retome a parceria com a universidade, suspensão devido aos cortes orçamentários do governo do Estado.

Diante das críticas apontadas por professores entrevistados da escola C, o ponto de partida das discussões do grupo focal foi em relação ao formato e a participação dos professores, alunos e comunidade na elaboração do projeto de Educomunicação desenvolvido na escola B. Ao contrário das falas dos professores 2 e 5, da escola C, os participantes do grupo focal consideram fundamental a escola ter sido selecionada para a execução do projeto, diante do período crítico que atravessava, inclusive com ameaça de fechamento da unidade. Na ocasião, a escola B amargava com o pior Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)⁴ do país e os reflexos negativos desse ranqueamento na imagem da unidade no sistema escolar.

Entretanto, a escola B enxergou no projeto de Educomunicação a oportunidade para reverter o quadro negativo e envolver todos os professores, alunos, gestores e comunidade, de modo que o projeto se adequasse à realidade da unidade escolar e ajudasse no processo de ensino e aprendizagem. Como nas falas a seguir:

O projeto já veio elaborado e, assim que colocada a proposta, todo nós, professores, acatamos, todos nós trabalhamos com ele. E, assim, ele surgiu, veio num momento muito crítico da escola, [...] E o projeto Educomunicação teve esse ponto positivo, né. (PARTICIPANTE 2 – Escola B).

Ele veio um projeto pronto. Só o que a gente percebeu, no decorrer do seu desenvolvimento, que foi se adequando à realidade da escola, porque, se ele veio pronto, só que quando encarou uma realidade diferente de outros lugares que talvez tinham trabalhado, o projeto, acabou que ele teve que se adequar de uma outra forma [...] se adequou à realidade da escola, da situação do campo, pegando o melhor que tinha aqui, que a gente tinha a oferecer, que foi a natureza (PARTICIPANTE 3 – Escola B).

O grupo inclusive relata algumas experiências vivenciadas pelos professores e alunos decorrentes da mudança de imagem da escola B, perante a comunidade local, as outras escolas da região, a Seduc e o governo do Estado e da autoestima de todos da própria escola. Como descrita na fala do participante 3: “Após esse projeto, eles

⁴ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino. O Ideb funciona como um indicador nacional que possibilita o monitoramento da qualidade da Educação pela população por meio de dados concretos, com o qual a sociedade pode se mobilizar em busca de melhorias. Site: <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-basica/programas-e-acoes?id=180>

perceberam [os alunos] que abre portas pra eles. [...] depois disso foram convidados pra irem a outros lugares. Agora, recente, foram no Meio Ambiente. Foram lá e apresentaram e falaram. E tudo isso a gente percebe que foi a partir desse projeto”. Também reforçada no depoimento do participante 5: “[...] até hoje, porque hoje ... este ano mesmo, a nossa escola foi convidada a participar de um projeto, da quinta Conferência do Meio Ambiente, que surgiu lá em Cuiabá, e a nossa escola foi”.

E, como nesses relatos de outros participantes do grupo:

[...] aqui hoje, na escola, nós já temos até palestrante. Nós temos alunos aqui hoje que palestra, que dá palestra, que apresenta. Se você tem um evento, nós aqui acostumamos a fazer evento todo ano, em datas comemorativas. Eles se prontificam a apresentar, montar os *slides* e apresentar. E fica ótimo (PARTICIPANTE 1 – Escola B).

[...] Tanto é que dentro da própria Secretaria [Seduc] eles olharam a escola B com um outro olhar. É uma escola que recebe convite hoje pra estar indo participar de desfile de fanfarra, e nem fanfarra nós temos. Mas recebemos o convite. E fomos lá. Única escola que não tinha fanfarra na vida éramos nós. Mas estávamos lá. Tudo isso, por quê? Porque deu resultado. É dentro do Educomunicação (PARTICIPANTE 6 – Escola B).

O grupo ainda teceu comentários a respeito do processo de interação dos alunos com a tecnologia, os reflexos na aprendizagem com o desenvolvimento da leitura, escrita e interpretação de texto e a relação de confiança estabelecida entre professores, alunos, gestores e comunidade.

[...] os alunos puderam interagir mais com a tecnologia e também no ensino e aprendizagem das crianças. O foco nosso era esse. Em fazer como que os alunos daqui, do campo, interagisse mais com a tecnologia, com o meio social e que desenvolvesse mais a leitura, escrita e interpretação de texto (PARTICIPANTE 1 – Escola B)

Mudou também a forma de como nós lidamos com esses alunos em relação aos aparelhos tecnológicos. Porque, antigamente, a gente tinha a maior dificuldade, aqui na escola, em relação aos alunos que vinham utilizar o celular aqui dentro, assim, de forma inadequada, com pesquisas que não estavam de acordo com a nossa necessidade escolar. Hoje, não. Hoje, eu e tantos professores, eu já posso pedir para o aluno trazer o celular dentro da sala de aula (PARTICIPANTE 4 – Escola B).

Os depoimentos dos participantes do grupo focal evidenciam claramente a adoção de princípios educacionais, tais como gestão participativa e trabalho colaborativo,

com resultados concretos nos avanços conquistados pela escola e na postura de professores e alunos, conforme relatado.

Passaram a ser mais colaborativos e, até hoje, qualquer um de nós, professores, nós entramos na sala, nós explicamos o conteúdo e nós falamos que temos necessidade de fazer uma pesquisa fora do ambiente escolar, eles mesmos trazem pra nós o lugar que deve ser, como que deve ser. Eles mesmos se... eles mesmo vão lá interagir com a família, do local. E fazem a filmagem e trazem... e fica bom (PARTICIPANTE 1 – Escola B).

[...] hoje eu vejo que meus alunos vêm mais motivados para dentro da escola. Até mesmo devido os métodos, a forma como nós, professores, estamos trabalhando. [...] Eu creio que é essa motivação dos alunos que deu resultado ai, do Ideb não ir pra baixo (PARTICIPANTE 4 – Escola B).

Além dos avanços na aprendizagem e no relacionamento entre todos os segmentos da comunidade escolar, a redução da evasão escolar foi outro ponto destacado pelos participantes do grupo. Antes do projeto, o índice de reprovação por falta era elevado e, segundo os participantes, ninguém queria se matricular na escola. Com a adesão da escola, o número de alunos saltou de 140, em 2015, para 212, em 2017.

Interessante observar a forma como os participantes dão ênfase à mudança ocorrida na escola, após a adesão ao projeto de Educomunicação conduzido pela UFMT, utilizando expressões como, “abriu as portas”, “tirou a escola B do anonimato”, “deu um norte à escola”.

No entanto, os depoimentos também evidenciam as cobranças dos novos alunos e professores que ingressaram no ano passado devido às repercussões positivas do projeto. Apesar dos esforços dos alunos, dos professores e dos educadores participantes do projeto, em 2015 e 2016, em levar adiante ações educacionais, as falas dos participantes deixam claro a necessidade de novas parcerias com a universidade para garantir a continuidade desse tipo de atividade. “E os alunos cobram da gente: Quando que o pessoal da UFMT vai vir? Que as oficinas que eles fizeram foram muito interessantes. E os alunos novos querem essas oficinas. Os alunos antigos já saíram, né”, comenta o participante 6.

Considerações finais

Com base nas entrevistas e no grupo focal, podemos concluir que as intervenções educacionais são construídas de forma paulatina, de acordo com a maior ou menor

adesão efetiva de seus participantes e adequação à realidade da comunidade escolar, como demonstrado especialmente pelas discussões na escola B. Selecionada para o projeto, a escola recebeu uma proposta, que foi apresentada à direção e aos professores. Conforme relatórios do projeto, e considerando o seu caráter de projeto-piloto, cada escola fez as suas escolhas, sobre os professores que gostariam de estar mais envolvidos e com quais e quantos alunos participariam. A partir dessas definições da escola, o projeto foi reajustado a cada realidade local.

Entre as nove escolas participantes, a escola B foi uma das quatro escolas em que o envolvimento dos professores foi total, tanto na participação das oficinas como no acompanhamento e orientação dos trabalhos produzidos pelos alunos. A escola B, segundo os professores, conseguiu dar um salto de qualidade no nível de aprendizagem dos alunos, na relação entre os professores, entre alunos e professores e entre os alunos e pais, e na própria autoestima de toda a comunidade escolar, bem como na continuidade das ações educacionais do projeto.

Isso fica claro quando os professores ressaltam o processo de interação dos alunos com a tecnologia, os reflexos na aprendizagem com o desenvolvimento da leitura, escrita e interpretação de texto e a relação de confiança estabelecida entre professores, alunos, gestores e comunidade. Assim, mostram a força que as práticas educacionais têm de incentivar e promover o diálogo respeitoso e colaborativo entre as pessoas, oportunizando, especialmente, a continuidade do projeto mesmo sem a presença da instituição parceira. Também ficou evidente que o fôlego obtido pela comunidade escolar precisa de reforço para que não percam o ânimo, já que o nível de rotatividade de profissionais nas unidades escolares é muito alto.

Por se sentirem desamparados, os professores entrevistados veem o projeto de Educação como uma oportunidade para buscar mecanismos que as ajudem avançar no processo de ensino e aprendizagem, principalmente, com a troca de experiências e novos aprendizados, possibilitados pelas oficinas oferecidas aos alunos e professores.

A redução do índice de evasão registrado na escola B, a partir do envolvimento direto da gestão escolar e professores, que passaram a buscar os porquês das ausências dos alunos, e o engajamento dos pais, que passaram a levar os filhos quando o transporte escolar estava com problema, aponta, por exemplo, que ações participativas são capazes de reverter cenários negativos. Evidencia ainda que a adoção de princípios

educativos, tais como gestão participativa e trabalho colaborativo, oportunizam resultados concretos para a comunidade escolar.

Portanto, a mudança de comportamento do professor, a maior convivência com os alunos, a aproximação entre professores e coordenação, o trabalho colaborativo e o envolvimento efetivo de todos os segmentos que compõem a estrutura escolar são fundamentais para o sucesso do projeto dentro das escolas. Resulta assim da atuação direta dos sujeitos participantes, coautores do processo e não como simples replicadores de ações planejadas por outros.

A comunicação dialógica refletiu no relacionamento entre professores e os alunos, equipe gestora e funcionários da escola. Os professores ficaram mais próximos dos alunos e trouxeram a “comunidade para dentro da escola”. O cotidiano dos alunos passou a fazer parte do conteúdo com a produção de textos, entrevistas, fotos e vídeos, possibilitando o conhecimento da própria história. Como bem frisa o participante 2- Escola B, a própria identidade do aluno melhorou. A tecnologia usada para a produção de vídeos e fotos ajudou na criatividade dos alunos, “quando eles começaram a escrever histórias”, na escrita e, também, na valorização e na formação da própria comunidade, como declaram os professores 9 e 10 – Escola D.

Além dos pontos positivos ressaltados pela maioria dos entrevistados, também são feitas críticas com relação a não inclusão de todos os professores e alunos na execução do projeto de Educomunicação. Como o projeto-piloto foi implantado em apenas nove escolas estaduais e em número pequeno de turmas, professores da escola C consideraram necessária a maior abrangência de professores e alunos. Na realidade, o ideal seria que fizesse parte de uma política nacional, estadual e municipal de educação. Por outro lado, também é preciso o envolvimento de todos os membros da comunidade escolar, o que não ocorreu, em determinados casos, como atesta o professor 2 – Escola A, ao afirmar que foi apenas em algumas reuniões.

Referências Bibliográficas

MOREIRA, Benedito Dielcio. **Educomunicação, Ciência e Outros Saberes: um estudo do trabalho colaborativo em narrativas transmídias**. In: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil. Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural. ABEDucom, 2017. P.600-613. Disponível em <<http://www.abpeducom.org.br/o-que-fazemos/publicacoes>>

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma escola sem/com futuro**. Oitava edição revista e atualizada. Salvador: EDUFBA, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação**. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 23, jan./abr. 2002. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>. Acesso em 25 jan 2017.

SOUZA, K. R. de. **Desenhos animados e educomunicação: as brincadeiras das crianças e a prática pedagógica da educação infantil**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

VIANA, Claudemir Edson; MELLO, Luci Ferraz de. **Cultura digital e a educomunicação como novo paradigma educacional**. Revista FGV Online, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 31-49, abr. 2013. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/revfgvonline/article/view/19281>>. Acesso em 20 fev. 2018.